



## UvA-DARE (Digital Academic Repository)

### O papel da linguagem na política multiespécies: em direção a uma teoria das vozes animais políticas

Meijer, E.

**DOI**

[10.22350/9786585725453](https://doi.org/10.22350/9786585725453)

**Publication date**

2023

**Document Version**

Final published version

**Published in**

Caminhos para a libertação animal

**License**

CC BY-SA

[Link to publication](#)

**Citation for published version (APA):**

Meijer, E. (2023). O papel da linguagem na política multiespécies: em direção a uma teoria das vozes animais políticas. In A. Caramuru Aubert, G. Laguardia Cheim, & M. Baptista Rosa (Eds.), *Caminhos para a libertação animal: Coletânea interdisciplinar resultante do I Congresso Internacional do Centro de Estudos sobre Animais e o Antropoceno* (pp. 175-194). (Direito & Interdisciplinaridade). Editora Fi . <https://doi.org/10.22350/9786585725453>

**General rights**

It is not permitted to download or to forward/distribute the text or part of it without the consent of the author(s) and/or copyright holder(s), other than for strictly personal, individual use, unless the work is under an open content license (like Creative Commons).

**Disclaimer/Complaints regulations**

If you believe that digital publication of certain material infringes any of your rights or (privacy) interests, please let the Library know, stating your reasons. In case of a legitimate complaint, the Library will make the material inaccessible and/or remove it from the website. Please Ask the Library: <https://uba.uva.nl/en/contact>, or a letter to: Library of the University of Amsterdam, Secretariat, Singel 425, 1012 WP Amsterdam, The Netherlands. You will be contacted as soon as possible.

*UvA-DARE is a service provided by the library of the University of Amsterdam (<https://dare.uva.nl>)*

# 2

## O PAPEL DA LINGUAGEM NA POLÍTICA MULTIESPÉCIES <sup>1</sup>: EM DIREÇÃO A UMA TEORIA DAS VOZES ANIMAIS POLÍTICAS <sup>2</sup>

Eva Meijer <sup>3</sup>

*Olá! Eu estou em Landsmeer, que é uma vila pequena próxima a Amsterdã, onde eu vivo com dois cachorros, e os dois estão dormindo. Aqui está de noite. Eu também tenho 15 ratinhos resgatados de laboratórios, mas eles acabaram de acordar, pois está escurecendo, então talvez eles estejam ouvindo do andar de cima. Mas eu não sei. Ok, então, animais e linguagem. Que tema estranho! Eu vou começar contando sobre os cães-da-pradaria.*

Os cães-da-pradaria são uma espécie de esquilo terrestre, não de cachorro, que vive sob a terra, em túneis subterrâneos, construindo seus próprios “vilarejos”, e permanecendo na mesma área, o que facilita para os predadores encontrá-los e atacá-los, já que eles frequentemente

---

<sup>1</sup> Transcrição e tradução realizadas por Anna Caramuru Aubert, Mestre em Direito Constitucional pela PUC-SP, Doutoranda em direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em regime de cotutela com a Universidade de Münster, na Alemanha, pesquisadora no Núcleo de pesquisa sobre Teoria de Direitos Humanos (NTDH-UFRJ), Professora de direitos animais no curso de pós-graduação da EJUST, diretora administrativa da Associação Nacional de Advogados Animalistas (ANAA) e diretora acadêmica do Centro de Estudos sobre Animais e o Antropoceno.

<sup>2</sup> Muitas das informações desse texto podem ser encontradas nas seguintes obras: MEIJER, Eva. *When Animals Speak: Towards an Interspecies Democracy*. New York: New York University Press, 2019; e MEIJER, Eva. *Animal Languages: The Secret Conversations of the Living World*. Trad. Laura Watkinson. Londres: John Murray, 2019.

<sup>3</sup> Eva Meijer é filósofa e escritora. Meijer trabalha como pesquisadora de pós-doutorado na Universidade de Amsterdã (NL), no projeto de pesquisa de quatro anos *The policy of (not) eating animals*, apoiado por uma bolsa Veni do Conselho de Pesquisa Holandês, e como pesquisadora de pós-doutorado no projeto Ética do Antropoceno: Levando a agência animal a sério, na Wageningen University and Research (Holanda). Ela é a presidente do grupo de estudos holandês de Filosofia Animal. Suas publicações recentes incluem *When animals speak. Toward an Interspecies Democracy*, *Animal Languages* e *The Limits of my Language*. Meijer escreveu doze livros de ficção e não ficção, e seu trabalho foi traduzido para dezoito idiomas.

precisam sair, e tudo o que os predadores precisam fazer é esperar perto da entrada de um túnel, quando, então, podem comê-los. Diante disso, os cães-da-pradaria desenvolveram um sistema de alerta complexo para avisar uns aos outros<sup>4</sup>.

São sons pequenos (“uh, uh”<sup>5</sup>), que nós, humanos, não somos capazes de distinguir. No entanto, na verdade, eles dizem bastante coisas uns para os outros com esses pequenos cantos. Assim, quando um predador chega perto da sua aldeia, eles informam se o invasor vem do céu, como uma águia, ou da terra, como um cão ou uma cobra; isso é importante porque é preciso saber de onde vem o predador para dar uma resposta adequada, decidindo-se se deve correr, entrar num túnel, ou esperar. Eles, no entanto, dizem mais do que isso, descrevendo o predador em detalhes. Por exemplo, Slobodchikoff estudou esses cães-da-pradaria por bastante tempo, e experimentou deixar humanos chegarem perto do seu território, vestindo diferentes camisetas, verificando que os cães-da-pradaria dizem uns aos outros que tem um animal se aproximando, descrevem sua aparência, e até a cor da camiseta, se é amarela, azul etc. Eles também mencionam se o humano está carregando algo, e um dos humanos no estudo estava atirando no ar, o que foi muito assustador para os cães-da-pradaria, que discutiram

---

<sup>4</sup> SLOBODCHIKOFF, Constantine Nicholas. *Chasing Doctor Dolittle: Learning the Language of Animals*. New York: Macmillan, 2012; SLOBODCHIKOFF, Constantine Nicholas; PERLA, Bianca; VERDOLIN, Jennifer. *Prairie Dogs: Communication and Community in an Animal Society*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009.

<sup>5</sup> Seus chamados soam como pássaros, e muitos deles soam como um cachorro latindo, por isso são chamados de cães-da-pradaria.

um com o outro sobre a arma, e quando viram o homem mais tarde, comentaram: “olha, é aquele cara assustador com a arma!”<sup>6</sup>

Então, eles são muito específicos com o que descrevem. O mesmo pode ser dito com relação a cachorros: eles dizem se é um cão que conhecem (porque eles conhecem comportamentos específicos de cães e coiotes que podem atacá-los; coiotes têm técnicas de caça diferentes, então é bom saber qual indivíduo está se aproximando). Assim, tem muita informação guardada nesses cantos tão curtos. E temos, também, o “jump-yip” – uma espécie de onda que envolve jogar as mãos para o ar e dar um pequeno salto para trás enquanto se grita “yip”, demonstrando entusiasmo; além disso, existe uma forma de conversa social que não compreendemos muito bem<sup>7</sup>.

A linguagem desses cães-da-pradaria é construída de modos, de certa forma, similares à linguagem humana. É dizer, eles têm um tipo de gramática<sup>8</sup> e os diferentes sons que eles usam, ou elementos diferentes nesses sons, funcionam como palavras humanas. Ainda, o sentido também muda quando o sentido da sentença muda. Portanto, eles têm uma língua muito elaborada, ainda que tenha muito que ainda não sabemos sobre isso. E esses cães-da-pradaria não são os únicos, o que é único sobre a linguagem deles é que ela foi estudada em detalhe.

---

<sup>6</sup> SLOBODCHIKOFF, Constantine Nicholas. *Chasing Doctor Dolittle: Learning the Language of Animals*. New York: Macmillan, 2012; SLOBODCHIKOFF, Constantine Nicholas; PERLA, Bianca; VERDOLIN, Jennifer. *Prairie Dogs: Communication and Community in an Animal Society*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009.

<sup>7</sup> *Ibid.*

<sup>8</sup> *Ibid.*

Eu já mencionei que Slobodchikoff estudou essa linguagem por muito tempo, e isso não é verdade para a maior parte das outras espécies de animais. Nós sabemos bastante coisa, mas relativamente pouco no que diz respeito à linguagem de tipos específicos de animais.

Um exemplo legal diz respeito aos nomes. Muita gente acha que seres humanos são os únicos que dão nomes aos seus filhos, mas golfinhos<sup>9</sup> fazem isso. Eles recebem nomes ao nascerem e usam esses nomes a vida inteira. Papagaios dão nomes aos seus filhos<sup>10</sup>. Morcegos dão nomes aos seus filhos<sup>11</sup>. E eles discutem muito, e, quando estão discutindo e um deles vai embora, é possível ouvir os outros morcegos falando daquele que se retirou por um tempo significativo, então eles gostam de fofocar!<sup>12</sup>

Tem outra coisa que achávamos ser exclusiva da linguagem humana. É a gramática. Eu já mencionei a gramática de cães-da-pradaria. No entanto, a gramática é encontrada na linguagem de vários animais, por exemplo, no canto dos pássaros<sup>13</sup>, das baleias<sup>14</sup>, ou mesmo em linguagens que não são feitas de som, como os padrões de cor da pele

---

<sup>9</sup> KING, Stephanie; JANIK, Vincent. "Bottlenose Dolphins Can Use Learned Vocal Labels to Address Each Other." *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 110, n. 32, p. 13216 – 13221, 2013.

<sup>10</sup> *Ibid.*; BERG, Karl et al. "Vertical Transmission of Learned Signatures in a Wild Parrot." *Proc. R. Soc.*, 2011.

<sup>11</sup> PRAT, Yosef et al. "Everyday Bat Vocalizations Contain Information about Emitter, Addressee, Context, and Behavior." *Scientific Reports*, v. 6, n. 39419, 2016.

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> GENTNER, T. Et al. "Recursive Syntactic Pattern Learning by Songbirds." *Nature*, v. 440, n. 7088, p. 1204–1207, 2006.

<sup>14</sup> SUZUKI, Ryuji et al. "Information Entropy of Humpback Whale Songs." *Journal of the Acoustical Society of America*, v. 119, n. 3, p. 1849–1866, 2006.

da lula<sup>15</sup>, que se comunica pela mudança de cores, e isso também é uma linguagem com gramática.

Animais não humanos não só usam sons, mas cores, cheiros (o que torna difícil para nós compreendermos essas linguagens), gestos, linguagem corporal e outros modos de se comunicar uns com os outros e com humanos, de modo que existem linguagens específicas de espécies que estão conectadas com a constituição de cada animal, porque nós todos temos constituições diferentes, e todos funcionamos de modo diferentes.

Contudo, há também muitos modos pelos quais animais não humanos e humanos podem entender uns aos outros. E isso é especialmente verdadeiro para humanos e animais que vivem juntos. Por exemplo, com relação à maior parte dos animais domesticados, existe muita comunicação.

Eu já mencionei que cães-da-pradaria falam sobre humanos e que alguns animais dão nomes aos seus filhos. Bom, galinhas nomeiam os humanos com os quais eles vivem<sup>16</sup>. Então, se elas vivem com humanos diversos, elas os nomeiam e falam sobre eles<sup>17</sup>.

Há também muita pesquisa sobre cachorros<sup>18</sup>, sobre como cachorros e humanos se entendem<sup>19</sup>, e mesmo seres humanos que não

---

<sup>15</sup> MOYNIHAN, Martin. 1991. "Structures of Animal Communication." In: ROBINSON, Michael H.; TIGER, Lionel (eds.). *Man and Beast Revisited*. Washington, DC: Smithsonian Institution Scholarly Press, 1991, p. 193-202.

<sup>16</sup> DAVIS, Karen. *The Social Life of Chickens*. Columbia: Columbia University Press, 2012.

<sup>17</sup> MONTGOMERY, Sy. 2016. "Are Your Chickens Talking About You?" *Globe Correspondent*, 2016. Disponível em: [www.bostonglobe.com](http://www.bostonglobe.com). Acesso em: 10 mar. 2023.

<sup>18</sup> HARE, Brian; WOODS, Vanessa Woods. *The Genius of Dogs: How Dogs Are Smarter than You Think*. New York: Penguin, 2013.

<sup>19</sup> *Ibid.*

vivem com cachorros e não têm experiências diretas com eles podem avaliar seus rosnados e latidos quando gravados, e interpretar seu humor corretamente. Isso se dá porque os seres humanos têm uma longa história compartilhada com cães<sup>20</sup>, de modo que humanos entram em sintonia com cachorros, e cachorros o fazem com humanos. Isso vale para cavalos<sup>21</sup>, gatos e outras espécies de animais. Também há conexões possíveis entre outras espécies.

Humanos sempre estiveram interessados na linguagem de outros animais, mas, por muito tempo, presumiram que eles não tinham linguagem. E, por isso, a etologia tornou-se um campo importante de pesquisa. A etologia investiga a psicologia animal, o comportamento animal, a vida interior de animais, de tal modo que humanos se tornaram mais interessados nisso, nas suas perspectivas, porque antes disso humanos faziam essa pesquisa para descobrir mais sobre a linguagem humana, questionando, por exemplo: a linguagem humana é uma questão de natureza ou de cultura? E eles tentavam desvendar isso pesquisando chimpanzés, golfinhos, tentando ensiná-los a falar como humanos etc. No entanto, se você faz isso, você não chega muito longe, porque muitos animais não podem pronunciar palavras. E isso criou uma imagem de animais como “mudos”, ou mesmo como “ignorantes”,

---

<sup>20</sup> Cachorros e humanos, por exemplo, coevoluiram, e ambas as espécies influenciaram as características uma da outra – alguns biólogos chegam a pensar que os humanos podem ter começado a usar a linguagem em relação aos cachorros (HARAWAY, Donna. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003).

<sup>21</sup> MALAVASI, Rachele; HUBER, Ludwig. “Evidence of Heterospecific Referential Communication from Domestic Horses (*Equus caballus*) to Humans.” *Animal Cognition*, v. 19, n. 5, p. 899–909, 2016; MEJDELL, Cecilie et al. “Horses Can Learn to Use Symbols to Communicate Their Preferences.” *Applied Animal Behavior Science*, v. 184, p. 66-73, 2016; DESPRET, Vinciane. “The Body We Care For: Figures of Anthropo-Zoo-Genesis.” *Body & Society*, v. 10, p. 111-134, 2004.

“estúpidos”, e perpetuou a ideia de que humanos são os únicos seres que falam, e que estão, portanto, hierarquicamente acima de outros animais.

Contudo, essa visão foi desafiada, e foi desafiada com relação à linguagem, cultura, cognição, emoção, e tudo que diz respeito à vida interior dos animais, suas relações e o modo como eles experimentam o mundo. Isso é um desafio muito importante para o modo como nossas sociedades são construídas hoje.

Eu vivo na Holanda e aqui, geralmente, presume-se que animais não humanos não falam. Humanos são os que falam, animais se comunicam. E isso se reflete em todo tipo de instituição política e legal. Assim, existe uma conexão forte entre ser um ser que fala e ser um ator político. Já retornarei a esse ponto.

Primeiro, gostaria de deixar claro que a questão sobre linguagem e animais é política de diferentes modos, porque a questão sobre quem é visto como capaz de falar e de ter uma voz política é, em si, política. Porque nós também notamos, no caso de humanos, grupos humanos que falam em linguagens humanas, mas que costumavam ser vistos como hierarquicamente inferiores aos grupos no poder. Por exemplo, mulheres. Mulheres eram vistas como capazes de falar com linguagem, claro, mas, por muito tempo em nossa história, não eram vistas como capazes de ter uma voz política. E mesmo quando mulheres receberam certos direitos, ainda assim se discutia sua capacidade, e mesmo hoje isso às vezes acontece em certos círculos. Então a questão sobre quem é visto como capaz de falar, e falar politicamente, é em si uma questão



política. No entanto, linguagem e política são conectadas, também, de outro modo.

Se pensarmos sobre a democracia, sobre formar comunidades políticas com outros, percebemos que consideramos importante não só sermos recipientes de algumas normas, legislações e decisões, mas também de construir esses elementos, de contribuir com as discussões sobre o que significa viver de modo justo com os demais. Então, uma parte importante de ser um ator democrático para humanos é não só ser visto como cidadão, de modo passivo, mas ser capaz de participar da política, exercendo agência política. Isso, geralmente, é relacionado a práticas em que humanos falam uns com os outros.

E acredito que haja um terceiro ponto sobre animais, atualmente, que diz respeito ao fato de que estamos enfrentando desafios sérios referentes ao planeta, e ouvir outros animais, discutindo assuntos sobre nosso mundo da vida compartilhado e sobre diferentes mundos da vida no mesmo planeta, está interconectado com muitos dos grandes problemas ecológicos de hoje.

Eu sou uma filósofa e, na filosofia, quando comecei a estudar, animais eram mais estudados, geralmente, no campo da Ética, que lida com questões como: é permitido comer animais? Podemos mantê-los cativos? Podemos usá-los para trabalhar para nós? Ora, são humanos pensando sobre o que é certo fazer com outros animais. Porém, todos esses estudos que mostrei antes – de língua e da vida interior de animais – mostram que animais não são meros objetos para que os pensemos, mas sujeitos que têm sua própria posição na vida e suas próprias ideias sobre a vida boa, sobre como eles querem formar comunidades com

humanos, e sobre se querem fazer isso. Isso levou filósofos políticos a pensarem as relações entre humanos e outros animais, e mudou o foco de humanos pensando em animais como objetos, para humanos pensando em animais como sujeitos, de modo intersubjetivo. Não é só sobre pensar acerca do que podemos fazer com animais, mas também sobre tentar descobrir que tipos de relações esses animais querem, de fato, com humanos, e como as ferramentas da filosofia política podem nos ajudar a guiar essas relações.

E isso é relativamente novo. Por muito tempo, animais estiveram ausentes da filosofia política – e da filosofia de um modo geral. Filósofos escreveram sobre animais, e alguns deles os levaram a sério, contudo, a maioria só usou animais para dizer algo negativo, para dizer que eles não são algo, e os humanos são; como seres que não são capazes de algo que humanos são. E a ideia de que animais não são atores políticos, não são capazes de falar, tem uma longa história.

No Livro I de *Política*, Aristóteles define o homem como animal político e o único animal que é dotado de fala, ou seja, é um ser falante. Aristóteles chamou isso de *logos*, que se refere ao discurso racional e, mais especificamente, à capacidade de distinguir entre o certo e o errado<sup>22</sup>. Ele contrasta isso com *phonè*, o som da voz. Assim, animais têm vozes, mas não são capazes de um discurso racionalmente informado.

Ao excluir os outros animais da comunidade política, ele também traçou uma linha para determinar o que conta como linguagem, e definiu a linguagem como linguagem humana. Então, esses outros

---

<sup>22</sup> ARISTOTELES. *Política*. Historische Uitgeverij, 2012; DERRIDA, Jacques. *The Beast and the Sovereign*, Volume II. Chicago: Chicago University Press, 2011.

animais foram excluídos de modos diversos. É claro que sabemos que, para Aristóteles, nem todos os seres humanos eram atores políticos, só homens livres, de modo que mulheres, escravizados, bárbaros e crianças não se enquadravam nessa categoria, e ele era bastante específico sobre animais e sobre excluí-los do *logos*.

Isso tudo vem sendo questionado. Filósofos políticos passaram a levar em consideração o fato de que há muito conhecimento sobre a vida interior de animais, e que relacionamentos entre humanos e outros animais são políticos por motivos diferentes. Há muitas relações de poder entre humanos e não humanos, como, por exemplo, no caso de fazendas de produção, em que os animais que lá vivem são forçados a viver dessa maneira; mas também animais de companhia, animais de trabalho, animais selvagens, animais de laboratório, entre outros. Todas essas relações são relações de poder diferentes, sendo que a maior parte é injusta, podendo se tornar mais justa.

Trabalhos recentes em filosofia política enfatizaram a importância de utilizarmos um enquadramento político para pensarmos sobre animais<sup>23</sup>, desenvolvendo-se sobre as bases da filosofia dos direitos animais, porque, claro, humanos vêm argumentando em prol de animais não humanos por bastante tempo. No entanto, nessas novas teorias sobre animais não tem sido dada muita atenção à linguagem<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> COCHRANE, Alasdair; GARNER, Robert; O'SULLIVAN, Siobhan. 2016. "Animal Ethics and the Political." *Critical Review of International Social and Political Philosophy*, v. 19, p. 1-17, 2016.

<sup>24</sup> Cf. COCHRANE, Alasdair. *Animal Rights Without Liberation: Applied Ethics and Human Obligations*. Columbia: Columbia University Press, 2012; COOKE, Steve. "Perpetual Strangers: Animals and the Cosmopolitan Right." *Political Studies*, v. 62, n. 4, p. 930-944, 2014; HADLEY, John. "Non-Human Animal Property: Reconciling Environmentalism and Animal Rights." *Journal of Social Philosophy*, v. 36, n. 3: 305-315, 2005.

Sue Donaldson e Will Kymlicka escreveram um livro muito influente, *Zoopolis*<sup>25</sup>, que é importante por muitos motivos. Eles desenvolveram uma teoria sobre direitos animais, levando a sério o reconhecimento de tais animais enquanto agentes políticos. Nesse sentido, eles chamam a atenção para o fato de que animais agem politicamente, e que isso é relevante para pensarmos sobre relações justas com eles.

Formar relações justas com outros animais não significa que humanos devem definir todas as regras. Não, nós devemos olhar para os animais, ouvi-los, e perguntar para eles que tipo de relações eles querem conosco. Para animais domesticados isso significa dar a eles muito mais espaço; para animais selvagens isso significa parar de feri-los e ver o que acontece, ter cuidado com seus *habitats* etc. A questão sobre a linguagem é, na verdade, importante em todos esses diferentes cenários, porque a linguagem é uma ferramenta que nós usamos também em relações com outros humanos para saber o que eles querem e não querem. Mesmo ignorar alguém pode ser percebido como um ato linguístico, ao passo que cumprimentar alguém pode ser visto como um ato com o qual demonstramos que queremos o seu bem.

Temos, uns com os outros, todo tipo de conversa, algumas maiores, outras menores, algumas que constroem e sustentam relações, mas, com animais, faz muito tempo que temos negado que eles falam, e o primeiro passo para estabelecer uma relação com eles – para além de parar com a violência – é também entender que eles estão tentando

---

<sup>25</sup> DONALDSON, Sue; KYMLICKA, Will. *Zoopolis: A Political Theory of Animal Rights*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

comunicar algo para nós; que eles são alguém que encontramos que também nos olha de volta<sup>26</sup>. Esse é o ponto inicial para nos relacionarmos com eles de modo diferente.

Isso não vai levar à harmonia, à paz. Como com relações humanas, é possível que as coisas, inclusive, tornem-se mais difíceis, que haja mal-entendidos etc. Contudo, entender o que os animais estão falando e reconhecer tais falas é uma questão de decência básica. Em muitos casos, ainda, isso se mostrará útil, especialmente no que diz respeito àqueles animais próximos a nós, que (quicá) querem ter relações conosco.

E nós já fazemos bastante disso. Já existe muita linguagem e comunicação entre humanos e outros animais. Então, como seguimos em frente? Afinal, vivemos em um mundo muito violento, e a violência contra os animais está aumentando. Ao mesmo tempo, o reconhecimento da subjetividade e do bem-estar emocional de animais também está aumentando, além da constatação do fato de que estamos todos conectados à mesma teia da vida.

Passarei agora a discutir dois modos de se seguir em frente. Um deles é pela ciência. Eu não sou muito esperançosa sobre o futuro do planeta e dos animais, mas tem uma coisa que me traz alguma esperança, e isso é como a posição de animais no mundo acadêmico está, aos poucos, mudando. Pelo menos aqui na Holanda, quando eu comecei a fazer pesquisa sobre animais, isso era considerado, na Filosofia, bastante estranho, bobo, e até um pouco estúpido. No entanto, isso está

---

<sup>26</sup> Cf. DERRIDA, Jacques. *The Animal That Therefore I Am*. New York: Fordham University Press, 2008.

mudando, talvez por conta da crise climática; humanos estão percebendo a importância de melhorar as relações com animais e torná-las mais justas.

Todavia, conhecer mais sobre outros animais e tratá-los de modo diferente, aprendendo, ainda, mais sobre sua linguagem, não é só uma questão empírica, como humanos, normalmente, costumam achar. O que está em jogo é a linguagem, essa linguagem que vemos em humanos, e que, agora, passamos a ver em animais.

É comum que sejam feitos muitos testes, que exigem que animais ajam de determinados modos. Por exemplo, o teste do espelho, que mede a subjetividade. É um teste desenhado para humanos que nos diz se outros animais podem, ou não, se reconhecer, mas não leva em consideração o modo como cada animal experimenta o mundo<sup>27</sup>. Para porcos, por exemplo, é bastante difícil sequer enxergar o próprio reflexo no espelho. Diferenças culturais não são levadas em consideração<sup>28</sup>. Gorilas, citando um caso parecido, acham muito indelicado olhar para alguém diretamente<sup>29</sup>, então, se eles são colocados diante de um espelho, eles tendem a não olhar, pois podem sentir que tem alguém lá. Portanto, tem muita coisa que não é levada em conta. Isso também é

---

<sup>27</sup> PLOTNIK, Joshua M.; WAAL, Frans B. M. de; REISS, Diana. "Self-recognition in an Asian elephant", *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 2006. SWARTZ, K. B., EVANS, S. Social and cognitive factors in chimpanzee and gorilla mirror behaviour and self-recognition. In: PARKER, S. T., MITCHELL, R. W.; BOCCIA, M. L. (eds.). *Self-awareness in Animals and Humans: Developmental Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 1018-1029.

<sup>28</sup> BROESCH, T. et al. "Cultural variations in children's mirror self-recognition", *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 2011, p. 1118-1129. M. L. (eds.).

<sup>29</sup> SHILLITO, Daniel J.; GALLUP, Gordon; BECK, Benjamin. "Factors affecting mirror behaviour in western lowland gorillas, *Gorilla gorilla*". *Animal Behaviour*, 1999, p. 999-1004.

verdade com relação a alguns grupos de humanos que não lidam com espelhos do mesmo modo que os holandeses, por exemplo, lidam.

Outrossim, quando pensamos em relações melhores, temos que nos dar conta de que a ciência tende a reforçar visões estereotipadas de outros animais, e esse tipo de ciência é ruim para estes últimos, porque pode até nos mostrar algo que um animal pode fazer, mas ignora que existe um cientista que entra em uma comunidade animal para estudar seus integrantes, de uma forma, de certo modo, colonialista, retirando conhecimento de tais animais para, após, largá-los lá. Trata-se, no mais, de uma visão enviesada: a visão que eles têm sobre animais influencia o resultado a que eles chegam em suas pesquisas.

Vinciane Despret escreveu um livro sobre o tema (*What Would Animals Say If We Asked the Right Questions?*<sup>30</sup> – O que os animais diriam se fizéssemos as perguntas certas?). Já no título do texto, a autora chama a atenção para o fato de que as perguntas feitas nas pesquisas com animais determinam o enquadramento no qual elas podem ser respondidas. E isso se revela de diversos modos. Por exemplo, quando cientistas pensam que ratos são estúpidos, eles fazem uma série de experimentos que provam isso. Por outro lado, quando pensam que ratos são muito espertos, eles fazem outra série de experimentos que vão, com maior probabilidade, provar a hipótese inicial da qual eles partiram. Não é exatamente preto e branco, porém há estudos que

---

<sup>30</sup> DESPRET, Vinciane. *What would animals say if we asked the right questions?* Trad. Brett Buchanan. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016. Cf.: DESPRET, Vinciane. "The Body We Care For: Figures of Anthropo-Zoo-Genesis." *Body & Society*, v. 10, p. 111-134, 2004.

revelam tais resultados enviesados, comparando as ideias preconcebidas que cientistas têm com o resultado dos estudos.

Outros preconceitos culturais também desempenham um papel, por exemplo, no que diz respeito à homossexualidade. Animais *queer* muitas vezes não são reconhecidos deste modo. Temos um estudo sobre albatrozes, em que demorou muito até cientistas descobrirem que muitos dos casais não eram formados de machos e fêmeas, mas de fêmeas e fêmeas, porque as aves são similares, e eles nunca pensaram em estudar seu gênero, de modo que presumiam que elas eram heterossexuais. Bom, elas não eram, ou pelo menos eram, de algum modo, *queer*<sup>31</sup>.

Em conclusão, todas essas concepções que temos sobre hierarquias entre humanos, e entre humanos e outros animais, influenciaram os modos como estes últimos são estudados. Contudo, já existem outros casos de humanos que se esforçam para conhecer os animais com os quais convivem. Tem um artigo incrível da Barbara Smuts, “*Encounters with Animal Minds*”<sup>32</sup> (“Encontros com mentes animais”), em que ela descreve em detalhes seu trabalho com babuínos. Smuts estudou um grupo de babuínos por muito tempo, e ela descreve o processo de conhecê-los, de “aprender a falar babuíno”.

Cientistas, quando são treinados, frequentemente são ensinados que eles devem ser tão invisíveis quanto possível. No entanto, para os

---

<sup>31</sup> YOUNG, Lindsay C.; and VANDERWERF, Eric A. Adaptive value of same-sex pairing in Laysan albatross. *Proceedings of the Royal Society*, v. 281, 2013.

<sup>32</sup> SMUTS, Barbara. “Encounters with Animal Minds.” *Journal of Consciousness Studies*, v. 8, n. 5-7, p. 293-309, 2001.



babuínos, quando o sujeito tenta se manter invisível e em silêncio, eles o acham muito estranho. Na verdade, para babuínos, estar em silêncio é um insulto! Então, não falar com alguém, não o cumprimentar é, na verdade um insulto. Smuts aprendeu que, para abordar o grupo, se aproximar dele e ser aceita, ela precisava entender como eles se cumprimentavam, e as normas básicas sobre o que é educado e apropriado em situações diferentes. O que Smuts descreve também é que, ao viver com babuínos, prestando atenção neles, seguindo-os dia após dia, ela mudou; sua experiência sobre seu arredor mudou. Esse tipo de mudança reverte a ideia existente de humanos estudando animais e os animais mudando seus hábitos para acomodar o ser humano; não: aqui o ser humano muda para poder estudar esses animais.

Outro exemplo é o trabalho de Len Howard<sup>33</sup>, que era uma violinista que começou a estudar pássaros; quando ela fez isso, na década de 1950, no século passado, a maioria dos estudos de comportamento animal tinham natureza behaviorista; aconteciam em laboratórios, com animais em jaulas, frequentemente solitários. Howard, contudo, disse: “não, se você vai estudar pássaros assim, isso vai influenciar o modo como eles se comportam e quão inteligentes são suas decisões, porque animais são animais sociais que precisam voar”.

Assim, ela decidiu fazer algo diferente: comprou um pequeno chalé, abriu as janelas, convidou os pássaros a entrarem, e eles realmente se tornaram seus amigos; não todos, mas alguns. Os animais eram, no mais, livres para ir embora, de modo que ela os alimentava,

---

<sup>33</sup> HOWARD, Len. *Birds as Individuals*. London: Collins Press, 1952.

mas não os prendia. Alguns ficavam por um verão, outros por um inverno; alguns ficavam por muito tempo, outros por algumas semanas. Viver com esses pássaros, note-se, era um processo bastante exigente, já que eles estavam sempre voando pela casa e se ocupando, enquanto ela ficava assistindo, sem tempo para praticar o violino e fazer outras coisas<sup>34</sup>.

Contudo, ao viver próxima a eles, ela experimentou alguns aspectos de suas vidas em detalhes. Ela conheceu suas personalidades, aprendeu sobre suas relações pessoais uns com os outros, e como eles, por outro lado, passaram a conhecê-la, aprenderam sua voz, sua língua, constituindo, ao final, uma língua comum. Isso também mudou sua vida, uma vez que ela, por exemplo, não poderia receber visitantes, já que vivia com os pássaros e se comprometia com esse convívio<sup>35</sup>.

Esses exemplos mostram que diferentes modos de viver com animais são possíveis. Talvez alguns de vocês saibam disso por experiência própria: tão logo você deixe de lado seus próprios desejos, preconceitos e o que poderia se desejar de uma relação com os animais, você pode começar a vê-los, ouvi-los, e por um processo de perguntas e respostas, vocês podem se conhecer uns aos outros.

Não obstante, sabemos que isso não é suficiente, porque vivemos em sociedades muito violentas. Nessa medida, precisamos mudar as estruturas que oprimem os outros animais e que mantêm hierarquias entre estes últimos e seres humanos.

---

<sup>34</sup> *Ibid.*

<sup>35</sup> *Ibid.*

E para concluir minha fala, vou brevemente discutir dois modos pelos quais podemos seguir em frente com relação a esse aspecto.

Primeiramente, muito trabalho tem sido feito na filosofia sobre direitos animais, e sobre o estabelecimento de proteções institucionais para animais. Esse também é um foco importante para muitos ativistas.

Muitos grupos de ativistas lutam por direitos animais. Na Holanda, um dos principais grupos é chamado, inclusive, “Direitos Animais”, então eles realmente advogam pela necessidade de uma proteção institucional para animais. Isso é importante, já que nós temos diversas instituições que cuidam de direitos de humanos vulneráveis e nos ajudam em termos de viver em comunidade de modo pacífico. É preciso estender essa lógica aos animais, de modo que sim, trata-se de um projeto importante.

Mas não é só isso. Nós acreditamos, por muito tempo, que animais eram silenciosos, e não percebemos que os responsáveis por essa visão éramos nós mesmos. E porque os tratamos assim, há, em realidade, muita coisa que não sabemos sobre eles. Animais são capazes de muito mais do que nós geralmente esperamos, mas ainda não começamos a fazer as perguntas certas.

Então, para sabermos qual é a perspectiva dos animais em nossas sociedades compartilhadas, precisamos perguntar para eles. Isso significa criar um experimento político em que nós interagimos de modos diversos com esses outros animais. Já há experimentos assim em santuários (lugares em que animais podem viver suas vidas livremente); também tem sido dada atenção aos pontos de vistas dos animais em, especialmente, santuários mais políticos, que se veem como

comunidades multiespécies, que podem funcionar como um tipo de experimentação: lugares para descobrirmos o que eles querem.

Isso também pode acontecer em uma escala menor, como em “micro-santuários”. Eu interajo com meus ratos bastante, e penso sobre essas questões em relação a eles também.

Considero, ainda, que na filosofia animal é dada muita atenção para como nós podemos desenvolver esse tipo de experimento. Por exemplo, Sue Donaldson escreveu um artigo<sup>36</sup> sobre uma comunidade que vive à margem de um rio, em que humanos e outros animais aprendem a viver diferentemente uns com os outros, com respeito à agência de todos. Então, primeiramente, animais precisam receber muito mais espaço físico; mas também é preciso estar atento aos modos como eles lidam uns com os outros, e com objetos no espaço, como por exemplo um lago, um gramado compartilhado, e assim por diante. E esse modo de pensar sobre compartilhar espaços com outros animais, mas também esse modo de pensar sobre deliberações políticas, é algo que pode acontecer em diferentes espaços, não só em instituições políticas humanas, mas também no mundo real, onde já interagimos com animais, sendo muitas as oportunidades para reformulações junto com eles. E isso me leva ao meu último ponto.

Acredito que no começo eu já tenha dito que isso está conectado com os grandes problemas ecológicos da atualidade. Creio que precisamos repensar nossas posições enquanto humanos no momento presente, na era que vem sendo chamada de Antropoceno, que apesar

---

<sup>36</sup> DONALDSON, Sue. “Animal Agora: Animal Citizens and the Democratic Challenge.” *Social Theory and Practice*, v. 46, n. 4, 2020, p. 709–735.

de ser um nome problemático, sugere qual é o problema, referindo-se a certos seres humanos.

Acredito, ainda, que nessa era é realmente importante desenvolvermos uma nova atitude perante os outros: o planeta, o mundo natural, outros seres humanos e, também, outros animais. Isso significa que precisamos ouvir muito mais os animais, e mudar a hierarquia, sem automaticamente assumir que humanos detém todo o conhecimento.

Então, se possível, é assim que eu gostaria de começar: ouvindo os outros animais. Acredito que este seja o único caminho para uma verdadeira mudança. Eles têm falado durante todo esse tempo e, agora, cabe a nós ouvi-los.